

**A prática do Fútbol Callejero no IFMT – Campus Primavera do Leste**

*The practice of Fútbol Callejero at IFMT – Campus Primavera do Leste*

Claudionor Nunes Cavalheiro  
**Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)**  
Primavera do Leste – MT – Brasil

Derli Juliano Neuenfeldt  
**Universidade Vale do Taquari (UVIVATES)**  
Lajeado – RS - Brasil

**Resumo**

O objetivo deste estudo foi identificar quais as contribuições do fútbol callejero para a formação humana integral numa escola profissionalizante. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Utilizou-se de observação e registro das aulas em diários de campo, bem como gravação das rodas de conversa. Foi realizada em cinco encontros, com uma turma do 2º Ano do curso de eletromecânica integrado ao Ensino Médio. Ao término, verificou-se que a prática contribui para o desenvolvimento da coletividade, valorizando atitudes de cooperação e respeito, fomentando processos educativos que não fragmentam o ser humano entre corpo e intelecto, tendo como ênfase no jogo, a possibilidade de se jogar com o outro e não contra o outro. Para 93% dos alunos entrevistados, trabalhar os pilares do fútbol callejero foram essenciais para a formação escolar e humana.

**Palavras-chave:** Metodologia Callejera; Formação Humana; Ensino.

**Abstract**

The aim of this study was to identify the contributions of fútbol callejero to the integral human formation in a vocational school. The research is characterized as qualitative. We used observation and recording of classes in field diaries, as well as recording of conversation circles. It was held in five meetings, with a class of the 2nd Year of the Electromechanics course integrated to High School. At the end, it was verified that the practice contributes to the development of the collectivity, valuing attitudes of cooperation and respect, fostering educational processes that do not fragment the human being between body and intellect, having as emphasis on the game, the possibility of playing with the other and not against the other. For 93% of the students interviewed, working on the pillars of fútbol callejero were essential for school and human formation.

**Keywords:** Callejera Methodology; Human Formation; Teaching.

## **1. Introdução**

O esporte ao longo do tempo se tornou um fenômeno de grandes proporções sociais, ganhando espaço principalmente no âmbito escolar. Por longa data, e se estendendo em muitos casos, até os dias de hoje, as aulas de Educação Física passaram a utilizar e serem utilizadas pelas práticas esportivizadas, com enfoque em conteúdos conceituais e procedimentais, deixando em segundo plano as questões de ordem atitudinal. González e Fensterseifer (2010) apontam que a Educação Física está incumbida de oportunizar o acesso a outras possibilidades de movimentos, distintas daquelas que os estudantes já possuem contato ao longo de sua existência, por meio da cultura na qual estão inseridos, e ressaltam que há pouca experiência nas experiências.

No caso específico da Educação Física, um mesmo conteúdo pode desenvolver competências antagônicas dependendo do direcionamento dado à atividade. Galatti (2006) faz este alerta, conforme observa-se no fragmento abaixo:

[...] da mesma forma que o esporte pode ser ensinado à luz de uma pedagogia que prime pelo ser humano melhor, que busca superar limites, que reconheça suas imperfeições, que se preocupa com a ética e fraternidade, o esporte também pode ser palco para a formação de homens egoístas, antiéticos, que pautam a sua vida em valores individuais, sem preocupar-se em engrandecer-se moralmente e socialmente. (GALATTI, 2006, p. 37-38).

A prática dos esportes não deve ser considerada apenas como uma reprodução mecânica de movimentos sem reflexão crítica, tendo em vista que a alienação não contribui para a autonomia e emancipação dos alunos. Faz-se imperativo dar sentido às práticas corporais, incorporando-as, criando e recriando situações de diálogos e interações, proporcionando a formação de sujeitos com saberes conceituais, procedimentais e principalmente, atitudinais.

Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 27-28) afirmam que “o conhecimento e a prática esportiva podem favorecer a experiência de nos tornarmos mais humanos segundo uma dimensão simbólica de competição na qual estão presentes valores morais”, e retratam que a função social do esporte deve permitir que o aluno tenha consciência de que o esporte tem em sua estrutura o sentido da competição, que deve ser vivenciada por meio de valores éticos e morais.

Corroborando com essa concepção, Moreira, Pereira e Lopes (2009) consideram que propiciar ações para que os alunos adquiram autonomia e os possibilitem serem

agentes críticos e transformadores de sua realidade é um processo de construção conjunta, que surtirá efeitos se houver essa construção baseada em fundamentos teóricos e práticos que permitam compreender a relevância e amplitude das manifestações da cultura de movimento.

Como ressalta Kunz (2006, p. 25), “[...] o esporte não é necessariamente educativo, é preciso uma intervenção pedagógica intencional para que assuma essa função”. Isso significa que, por si só, essa manifestação não desenvolve nos seus praticantes valores bons ou ruins, dependendo do sentido atribuído à vivência. Parlebas (1987) ressalta que o esporte é o que se fizer dele, dependendo de onde, como, porque e para que ele é realizado. Se promovido por meio da competição e rivalidade, pode suscitar comportamentos agressivos, porém, amparado pela cooperação, pode acarretar atitudes respeitadas e generosas.

Para tanto, Freire (2015, p. 39), aponta que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. O autor critica o que corriqueiramente acontece nos ambientes escolares e que ele define como concepção bancária de educação:

O educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2013, p. 80-81).

Nesse contexto, têm-se observado que as aulas esportivizadas padronizam os movimentos esportivos, não oportunizando a reflexão sobre a ação. Os alunos recebem as informações e as reproduzem, quando seria possível um ensino focado na dialogicidade. Coffani e Gomes (2020), por sua vez, retratam que a hegemonia do esporte nas aulas de Educação Física torna-se um problema pedagógico se a prática deste se esgotar em si mesma.

De acordo com Zabala (1998) é preciso romper com o ensino transmissivo, sendo necessário ter em mente que o processo de ensino e de aprendizagem não envolve apenas conceitos, mas também procedimentos e atitudes que devem ser inter-relacionadamente inseridos nesse processo, considerando que os conteúdos atitudinais englobam conceitos regidos por normas, moral e valores.

## A prática do Fútbol Callejero no IFMT – Campus Primavera do Leste

A prática da educação física na escola caracteriza-se como um componente curricular permeado pelos *saberes* de diferentes dimensões do conhecimento, pelos *valores* presentes no mundo que envolve o esporte e pelas *atitudes* expressas pelos atores que fazem parte do universo esportivo. (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012, p. 66, grifo nosso).

Nista-Piccolo e Moreira (2012) ressaltam que todo processo educativo deve proporcionar autonomia aos alunos, em especial no Ensino Médio. É neste momento que far-se-ão suas escolhas para o ser humano e para o futuro profissional, e dependerá de sua capacidade de agir, criar, tomar decisões e melhor conviver com os outros e com o mundo. Para os autores, quando jogamos, faz-se possível identificar o que somos e o que pretendemos ser.

Por fim, e não menos importante, destacam ser necessário que a Educação Física tenha sagacidade para romper com a rotina da disciplina, promovendo assim uma releitura da cultura escolar, dando novas significações aos jovens alunos que frequentam o Ensino Médio, propondo a problematização de concepções de corpo que influenciam e determinam práticas sociais excludentes e alienantes. Nessa perspectiva, quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral na Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Primavera do Leste?

O *fútbol callejero* é uma prática de educação popular que surgiu na Argentina, em uma periferia empobrecida de Buenos Aires. Desde sua origem, apresenta como objetivo central a busca por proporcionar aos/as seus/suas praticantes a aquisição da cultura do diálogo para a resolução de conflitos e para que tenham protagonismo na luta por seus direitos e interesses (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017).

No que diz respeito à metodologia, o *fútbol callejero* propõe regras que o torna diferente do futebol convencional, sendo que uma partida se divide em três tempos. No 1º tempo, as equipes estabelecem as regras do jogo em conjunto e de maneira consensual. No 2º tempo se joga a partida, e no 3º tempo todos(as) os(as) jogadores(as) dialogam sobre o desenvolvimento do jogo e se houve respeito às regras acordadas mutuamente. Durante os três tempos o(a) mediador(a) participa facilitando o diálogo e a interação entre as equipes (ROSSINI *et al.*, 2012).

O desenvolvimento do jogo ocorre sem a participação de um árbitro/juiz, sendo este substituído por um(a) mediador(a). Todas as decisões são tomadas pelos jogadores e jogadoras que disputam uma partida. O(a) mediador(a), conforme o nome sugere, tem a

função de mediar os diálogos auxiliando os praticantes a chegarem, coletivamente, a acordos e consensos acerca do resultado final de uma partida afirmam os autores (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017).

A aposta na potencialidade educativa do *fútbol callejero* reside no processo de autogestão do jogo. Estudos como os de Souza Junior, Belmonte e Martins (2015) indicam que o ensino do esporte nessa perspectiva favorece condutas coletivas e de aceitação das diferenças, oportunizando a todos os envolvidos revelarem se as expectativas do jogo foram atendidas.

O conceito de metodologia *callejera* é mais recente, originando-se do *fútbol callejero*. Para Castro (2018, p. 13-14), que designou o método de ensino dos esportes oriundo do *fútbol callejero*, “a metodologia *callejera* consiste na adaptação do esporte a fim de alcançar objetivos sociais, transformação individual e coletiva”. Moraes (2020, p. 22), entende como sendo:

a realização de jogos em três tempos com o objetivo de potencializar as vivências na dimensão atitudinal dos saberes, visto que os/as alunos/as são estimulados/as a pensar nas regras do jogo para que ele seja inclusivo, justificar o propósito dessas ideias sugeridas, defendê-las e colocá-las em prática.

Ambos concordam que no desenvolvimento da metodologia é estimulado o protagonismo dos participantes na elaboração de regras, no jogo e no debate mediado para a averiguação do placar final, considerando os comportamentos dos participantes em relação aos pilares do *fútbol callejero*, que são: respeito, companheirismo e solidariedade.

O respeito é avaliado a partir do cumprimento às regras estipuladas e à relação pacífica com o outro, seja do time que é integrante ou da outra equipe. O companheirismo é ligado à participação, avaliando se todos tiveram chances iguais de jogar. A solidariedade diz respeito às ações realizadas de modo generoso pelos jogadores, sendo cortês com a outra equipe.

Considerando a esportivização das aulas de Educação Física, bem como a ressonância de nossas experiências como professores de Educação Física para os jovens alunos do Ensino Médio, observamos a desmotivação, resistência e desinteresse por parte significativa dos alunos ao se trabalhar conteúdos esportivos que quase sempre são uma repetição mecânica de práticas já realizadas no Ensino Fundamental e que não apresentam características próprias e inovadoras que os desafiem a um novo aprendizado.

Estudos de Rossini et al. (2012); Belmonte e Souza Junior (2017); Castro (2018); Belmonte (2019) e Moraes (2020) indicam que o *fútbol callejero* desencadeia processos educativos em quem o pratica. Com o intuito de verificar se esse conceito se aplica no *Campus Primavera do Leste*, a pesquisa foi desenvolvida procurando responder ao questionamento: quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral numa escola profissionalizante?

Sendo assim, os resultados apresentados neste artigo poderão contribuir para subsidiar a reflexão de professores sobre algumas das implicações do trabalho docente e do currículo para experiências e situações capazes de provocar e movimentar saberes e sentidos, permitindo pensar a Educação Física como constituída e constituinte, vibrante, potente, inerente à contemporaneidade e à reconfiguração das práticas escolares.

## **2. Metodologia**

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com observação e registro das aulas em diários de campo, bem como a gravação do processo de mediação que aconteceu no 3º tempo do *fútbol callejero*. Utilizamos como instrumento para produção de informações duas avaliações diagnósticas relacionadas ao *fútbol callejero*: uma pré-projeto e outra pós-projeto, com questões abertas e fechadas.

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus Primavera do Leste*, com uma turma de vinte e oito alunos do 2º Ano do Ensino Médio do curso técnico em Eletromecânica integrado ao Ensino Médio. Foram utilizadas dez aulas de Educação Física, com periodicidade semanal, tendo dois encontros de 50 minutos cada, ambos no mesmo dia da semana, seguidamente.

Como as aulas acontecem seguidamente, foram cinco encontros, tendo as atividades dispostas da seguinte maneira: 1º encontro: avaliação pré-projeto sobre os pilares do *fútbol callejero*, visando captar o que os/as alunos/as entendiam sobre: respeito, solidariedade e companheirismo; 2º ao 4º encontro: prática do *fútbol callejero*, vivenciando as três fases do jogo; 5º encontro: avaliação pós-projeto sobre as percepções que os/as alunos/as tiveram dos pilares após vivenciarem a prática do *fútbol callejero*.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Mato Grosso, conforme CAAE nº 54138921.6.0000.8055, Parecer nº 5.233.542.

### 3. A avaliação diagnóstica sobre o *Fútbol Callejero*

Com a aprovação do projeto de pesquisa intitulado “*Fútbol Callejero* no IFMT - *Campus Primavera do Leste: da teoria à prática*”, era chegado o momento de “colocarmos em jogo” as ações em busca de respostas que desvelassem, ou não, os processos educativos oriundos dessa prática.

No primeiro encontro do projeto - sempre desenvolvido no horário das aulas de Educação Física – realizamos uma avaliação diagnóstica, com três perguntas abertas questionando qual a definição que os alunos tinham sobre respeito, companheirismo e solidariedade, que são os três pilares do *fútbol callejero*. Por fim, se consideravam que trabalhar esses pilares nas aulas de Educação Física era essencial para a formação escolar e pessoal, levando em consideração que a missão institucional do IFMT é: “Educar para a vida e para o trabalho”.

Importante salientar que nas avaliações não foi solicitado que os/as alunos/as colocassem seus nomes, e sim codinomes, para não os inibirem com respostas “certas ou erradas”. Isso, inclusive, foi citado por vários alunos: “ainda bem que meu nome não aparece, pois é muito difícil colocar no papel o que pensamos sobre esses pilares”.

Os dados coletados apontam que os alunos consideram que trabalhar os pilares do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física é essencial para a formação escolar e humana, levando em consideração que a missão do IFMT, conforme aponta o gráfico abaixo:

Gráfico 1: Percepção dos alunos sobre a importância de se trabalhar os pilares fundantes do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física



Fonte: Os autores (2023).

Ao serem provocados sobre as definições críticas dos respectivos pilares (respeito, companheirismo e solidariedade), os alunos se espalharam pela quadra de esportes, e isoladamente, escreveram suas definições. Algumas respostas chamaram mais a atenção

dos pesquisadores, as quais serão relatadas abaixo. Conforme citado, as avaliações não foram nominadas para evitar constrangimento entre os pesquisados.

Quadro 1 – Definição dada pelos/as alunos/as sobre os pilares do *fútbol callejero*

|                      |  |
|----------------------|--|
| Pilar respeito       | “Respeito é respeitar as decisões, escolhas e espaço dos colegas, mesmo que talvez você não concorde com tais.”<br>“Aceitar as dificuldades do colega e assim ajudá-lo a melhorar.”<br>“A maneira que você trata as pessoas com igualdade e como você gostaria que te tratassem.”        |
| Pilar companheirismo | “Companheirismo, para mim, é estar ao lado dos colegas, independente das suas escolhas e ajudá-lo no que for preciso.”<br>“É trabalhar em equipes, com seus colegas.”<br>“É necessário ter companheirismo no futebol, pois você não joga contra o seu colega, mas sim com o seu colega.” |
| Pilar solidariedade  | “É você ser aquele que ajuda de alguma forma o próximo.”<br>“É você se colocar no lugar das pessoas, ajudar sempre que for necessário.”<br>“É ajudar o próximo quando este está com algum problema, até mesmo nas coisas mais simples.”  |

Fonte: Os autores (2023).

Após a avaliação diagnóstica respondida, foi apresentado o *fútbol callejero* e sua definição para os alunos, inclusive tirando as dúvidas sobre como seriam realizadas as atividades e que a tradução literal das palavras *fútbol callejero* não seriam as ideais. Traduzir para o português poderia incluir nessa atividade tantas outras formas de se jogar futebol de rua que não contemplam os pilares da metodologia. Portanto, foram instruídos de que o *fútbol callejero* não se traduziria, e sim, se vivenciaria.

Durante a explanação do conteúdo do projeto percebemos conversas paralelas, ofensas entre os alunos e xingamentos, apelidos e principalmente desinteresse. Por parte das meninas, algumas demonstraram insatisfação em jogar com os meninos, pois sempre eram colocadas de lado nas atividades esportivas, enquanto outras já manifestaram interesse e gostaram da ideia de poderem, enfim, jogar futsal.

A conversa entre os mais “habilidosos na modalidade futsal” era uma só: “se valer panelinha, já tenho meu time feito, aí é só colocar uma menina no meio e está pronto.” Para evitar essas “panelinhas”, todos os jogos eram definidos pelo quesito sorte: em dupla, utilizavam o jogo jokempô (pedra, papel e tesoura) para decidir quem iria para a equipe A ou B. Por mais que quisessem se agrupar, sempre um ou outro estava na equipe contrária.

#### 4. A prática do Fútbol Callejero

No 2º, 3º e 4º encontros trabalhamos o futsal na parte inicial da aula, sempre primando pela inclusão de todos nas atividades. Na metade final, realizamos o *fútbol callejero*. Importante frisar que o jogo requer equipes mistas, incluindo assim as meninas que geralmente são deixadas de lado nos jogos.

Como relatado anteriormente, o jogo se desenvolve em três tempos, e faz-se necessário esclarecer que nem sempre a equipe que faz mais gols no 2º tempo é a equipe vencedora. Cada um dos pilares, respeito, companheirismo e solidariedade valem pontos, que são somados a quantidade de gols feitos pela equipe. Essa pontuação sempre foi discutida em cada um dos encontros, com reformulação da pontuação em todos eles. Na primeira vez que jogaram, cada gol valia um ponto, assim como cada um dos pilares. Na discussão chegaram a um consenso que teriam que reformular essa regra, pois o mais importante no *fútbol callejero* era incluir os colegas e não marcar mais gols.

As regras eram discutidas e, em consenso, acatadas por todos os participantes. Caso houvesse alguma objeção, o proponente defenderia a ideia com o intuito de conseguir a aprovação. A pontuação dos três pilares, em todos os encontros, ficou valendo um ponto para cada pilar.

Desde o começo, “a metodologia” [do *fútbol callejero*] faz de seus participantes protagonistas, abrindo um espaço em que não jogam somente chutando uma bola, mas também propondo as regras do jogo e debatendo sobre seu resultado. Diferentemente do que ocorre no futebol convencional (e fazendo uma ponderação mais abrangente, diferentemente do que geralmente ocorre nas ações sociais pensadas para os jovens), o *fútbol callejero* é impensável sem a existência de participantes ativos, que transcendam o lugar de meros “jogadores” [e jogadoras] (ROSSINI et al., 2012, p. 114 -115).

Ao analisar os apontamentos feitos nos diários de campo observamos que foram várias as regras criadas, sempre tentando resolver algum problema oriundo do encontro anterior. Como dito, no 1º jogo, cada gol valia um ponto. Já no 2º jogo, a equipe que fizesse mais gols teria direito a marcar um ponto, diminuindo assim a possibilidade de uma equipe com superioridade em gols não precisar respeitar os pilares do jogo.

Outra regra criada e depois modificada: gol de menina valeria dois pontos, para valorizar a pontuação delas. Na discussão do 3º tempo, chegaram à conclusão que buscar a igualdade de acesso e condições de jogo não era primordial nessa regra, pois tratava de forma diferente os que estavam no mesmo jogo. E o mais legal na discussão, que foi

levantada por uma menina, que se sentiu inferiorizada e menosprezada, como se elas não tivessem “a capacidade de fazer gols sem a ajuda dos meninos”.

Em contrapartida, algumas regras criadas no 1º jogo mantiveram-se até o fim, como: não poderia fazer falta grave que sua equipe perderia pontos; sempre que uma das equipes reivindicasse uma falta, a outra equipe pararia o jogo; não poderia proferir palavras de baixo calão, ofensas ou xingamentos entre as equipes; a cada gol feito, se toda a equipe comemorasse junto, este dobraria de valor (todos os membros da equipe deveriam se reunir a promover um abraço em conjunto para pontuarem).

No 3º jogo, os alunos propuseram uma regra que obrigava os participantes a dividirem as tarefas de marcação e ataque da seguinte forma: cada equipe, composta por onze alunos, deveria se dividir em: um goleiro, cinco alunos que estariam responsáveis pela meia quadra de defesa e outros cinco alunos que estariam responsáveis pelo ataque, na meia quadra ofensiva. Assim, por um tempo definido, cada parte da equipe teria obrigações distintas: uns de fazer o gol, outros de evitar o gol. Após esse tempo, houve a troca de funções entre quem estava no ataque iria para a defesa e vice-versa.

Essa ação proposta pelos alunos reformulou a maneira que estavam acostumados a jogar, pois antes jogavam a quadra toda e neste formato teriam que “balancear melhor suas forças e fraquezas”. Não poderia ficar só defendendo, tampouco só atacando. Na roda de discussão, no 3º tempo, houve muitos relatos que esse formato foi o mais desafiador de todos, inclusive com proposições para jogos futuros com outras “separações” na disposição da quadra: criar diagonais livres onde pudessem jogar, dividir a quadra em três partes verticais e não mais duas horizontais, e outras propostas. Observou-se que os discentes se sentiram instigados a resolverem problemas na prática.

De acordo com Silva Gutierrez, Dotto e Allet (2016, p.19):

Em um mundo de normas prontas e condutas normalizadas, onde a necessidade de reflexão, de argumentação e de assumir responsabilidades está perdendo espaço, percebe-se que essa metodologia institui um espaço construtivo de diálogo que desenvolve a capacidade crítica, a reflexão, a confiança e a construção coletiva.

Uma questão que chamou a atenção dos pesquisadores foi a de que a cada jogo executado o tempo destinado a mediação (3º tempo) se tornava maior e com diversas contribuições. A discussão sobre o jogo e suas regras, cumpridas ou não, se avolumou. Em nosso 3º e último jogo esse fato foi percebido também pelos alunos, que consideraram que

as discussões estavam mais aprofundadas, com o intuito de encontrarem soluções para problemas que antes não visualizavam no jogo. Antes, era “rola a bola professor”. Ao final passou a ser “que regras vamos implantar para resolver nossos problemas no jogo?”

Os registros nos diários de campo mostram situações acerca das tentativas de resolução de problemas. Descreveremos algumas falas. É importante frisar que os nomes dos alunos nos diários de campo foram alterados para pseudônimos escolhidos por eles mesmos, com o intuito de preservar a identidade do participante.

Quando o chapolim torceu o pé durante o jogo, eu o ajudei a sair da quadra, porém o restante da equipe não prestou ajuda ou mostrou companheirismo/solidariedade para com ele (Aluna X).

Ainda estamos percebendo muitos empurrões e alguns xingamentos no jogo. Já combinamos que isso não pode acontecer (DCT).

Nesse jogo não tem árbitro, nós é que devemos decidir sem precisar de outro decidindo pela gente (LIPINHO).

No 3º tempo do *fútbol callejero*, quando acontece a mediação, é o momento que afloram as questões polêmicas do jogo. Debater se uma equipe foi ou não respeitosa, companheira e/ou solidária, isso com a mediação dos colegas, não é tarefa fácil. As interrupções nas falas diminuíram consideravelmente da 1ª para a 3ª rodada de discussão, mostrando que entenderam que é preciso haver um momento de escuta do colega. Todos têm o momento de fala, mas também de escuta.

Para Silva Gutierrez, Dotto e Allet (2016, p.28):

Esses espaços de diálogo são fundamentais quando buscamos entender o porquê do Futebol *Callejero* ser uma ferramenta com enorme potencial para o desenvolvimento da cidadania democrática. Em todas as etapas da metodologia do Futebol *Callejero* se fomenta o diálogo como meio de superação de conflitos e se estimulam as trocas, fazendo de seus participantes protagonistas tanto do jogo quanto das deliberações. O Futebol de rua [sic] se constitui assim em um espaço muito mais rico do que simplesmente jogar bola, torna-se também uma oportunidade para acordar regras, debater e construir consensos acerca de desempenhos e resultados.

Em cada um dos três jogos foram revezados os mediadores, que são responsáveis por fazer as anotações das regras discutidas e acordadas no 1º tempo e as ações ocorridas no jogo – 2º tempo. Após, no 3º tempo, estes mediadores conduzem a mediação entre as duas equipes sobre os pontos que cada uma terá direito.

Primeiramente a pontuação dos gols, conforme regra preestabelecida, depois sobre o pilar respeito (decidido sempre em consenso), se houve respeito entre todos os participantes. No pilar companheirismo a decisão é interna, cada equipe define se merecem o ponto do quesito ou não, e por fim, na solidariedade é uma equipe quem avalia a outra, somando-se assim a pontuação e definindo o grupo vitorioso no jogo.

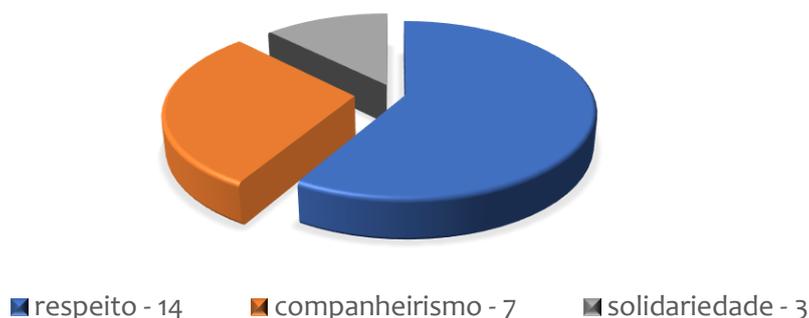
Os mediadores vivenciaram um papel diferente ao que estavam acostumados nas aulas. A eles era atribuído o papel de apaziguador dos ânimos exaltados, das falas mais rudes, da urbanidade que deveriam ter entre si. Vivenciaram a importância da impessoalidade, da justiça, do olhar sistêmico para com o jogo. Era uma posição disputada sempre que o jogo começava, com vários alunos e alunas querendo ocupar esse espaço, que é desafiador. Nesse aspecto, encontramos uma grande potencialidade de atingir os objetivos da missão do IFMT: “Educar para a vida e para o trabalho.”

## 5. Resultados e Discussões

No 5º e último encontro do projeto realizamos a avaliação final com os participantes, etapa que responderam um questionário com perguntas abertas e fechadas. Posteriormente realizamos uma roda final de discussão sobre os pontos vivenciados e abrimos diálogo para que todos e todas pudessem deixar seu depoimento sobre a vivência com o *fútbol callejero*, com suas potencialidades e fraquezas.

Como resposta a primeira questão, foram questionados: “Dos três pilares do *fútbol callejero*, qual você considera o mais essencial para a sua formação?”

Gráfico 2: Dos três pilares do *fútbol callejero*, qual você considera o mais essencial para a sua formação humana?



Fonte: Os autores (2023).

Observou-se que para 58% dos alunos, o pilar respeito é o mais essencial para a formação humana. As regras discutidas e aplicadas em todos os encontros corroboram

com essa informação: sem faltas graves, sem xingamentos ou ofensas, entre outras. Ao considerarem o pilar respeito como o mais essencial, relatam que:

Sem ele o jogo seria caótico e chato de se jogar (ALT).

Porque houve mais respeito durante o futebol callejero, o que no futsal normalmente não tinha (ALTINHA).

Pois o respeito, na minha opinião nos leva aos outros dois pilares. Ele faz com que todos do time analisem seus atos antes e até mesmo depois do jogo (LIPINHO).

Percebe-se, nos relatos dos alunos e alunas, a intencionalidade de “jogar com seu colega e não contra”. O jogo passou a ser mais interessante e ter uma finalidade além do “jogar bola”. As discussões emergentes os levaram à problematização e a busca da resolução dos problemas advindos da prática esportiva entre pessoas que tinham a mesma intencionalidade: jogar futsal.

A busca da superação da lógica competitiva e excludente presente na escola em seus conteúdos esportivos deve considerar a necessidade de ultrapassar as imposições do mundo esportivo-competitivo. Nessa perspectiva, a modalidade esportiva a ser praticada pouco interfere, sendo mais importante o processo advindo da discussão coletiva e a busca por uma prática inclusiva.

A prática do *fútbol callejero* exigiu dos participantes demandas antes não vivenciadas. Para iniciarem o jogo era necessário, primeiramente, construir, em conjunto, as regras que vivenciarão logo em seguida. Essa decisão do que iriam ou não vivenciar seria cobrado posteriormente nos momentos de mediação, com o intuito de que todos tivessem a intencionalidade de seguir as regras criadas em consenso, sem intervenção externa, sem padrões pré-estabelecidos.

Esse processo educativo de criação das regras a serem seguidas nem sempre ocorre sem embates. São nesses momentos que o saber ouvir e buscar subsídios para fundamentar o que se quer colocar como regra torna-se primordial. Divergências podem sim ser um caminho para encontrar a solução, sempre com respeito. E nesse processo de diálogo, escutar é tão importante quanto falar.

Entre os participantes, 29% relataram que o pilar companheirismo é o mais essencial para a formação humana, conforme observado nos relatos:

## A prática do Fútbol Callejero no IFMT – Campus Primavera do Leste

Porque foi como trabalhar em equipe. No jogo a falta de companheirismo te fazia perder. No trabalho, a falta pode transformar o ambiente bom em ruim e o resultado do produto não ser o esperado (DCL).

Foi pela questão do cuidado um com o outro, da parceria (ALT).

As meninas conseguiram ser incluídas nos jogos, e os colegas foram companheiros em ajudá-las (LIPINHO).

As situações vivenciadas na prática pedagógica os permitiram pensar além do jogo, e estarem atentos às possibilidades de relacionar as ações vivenciadas nas aulas de com a vivência de trabalho em equipe na formação acadêmica. Além disso, permitiu que pudessem analisar sistemicamente, fazendo com que o jogo não se esgotasse em si mesmo, com a possibilidade de ser um caminho para discussão de ações advindas da prática com reflexão para ações posteriores ao jogo.

Por fim, e não menos importante, para 13% dos alunos o pilar solidariedade foi o mais importante.

A solidariedade foi o mais importante, pois incluiu os dois times e englobou a todos os alunos no jogo, aumentando a humanidade no esporte (GUTO).

Me ensinou a conversar com meus colegas. Foi o pilar mais justo e importante para minha formação (FERA).

Com a potencialidade de ser mais que uma atividade física, essa práxis educativa instiga os praticantes à possibilidade de autonomia em práticas corporais, tendo na dialogicidade o ponto de convergência para uma convivência pacífica no jogo. Com efeito, destaco que:

[...] além **do que** aprendemos (jogos; brincadeiras; respeito para com o outro, independentemente do gênero, da idade, da etnia, da condição social, da situação profissional, da cultura...) igualmente importante foi o **como** aprendemos (nos humanizamos): em experiências concretas, em vivências significativas, em reciprocidade. (GONÇALVES JUNIOR, SANTOS, 2006, p.13 – grifo dos autores).

Os participantes quando questionados se após os encontros do *fútbol callejero*, com a realização dos jogos e discussões ocorridas na mediação (3º tempo), tinham mudado suas percepções em relação ao convívio social, responderam que:

Eu percebi que da 1ª mediação para a última, teve um desenvolvimento muito bom, pois na 1ª ninguém respeitava a vez do outro falar, já na última sim. E escutar sempre é importante (ANNA).

Notei um amadurecimento de forma coletiva, não apenas nas discussões, mas também dentro de quadra (DC).

A mediação para mim foi uma das partes mais incríveis de todo o projeto. Estabelecer o que cada equipe foi ou não capaz de fazer. Foi umas das experiências mais diferenciadas que tive na escola (DCL).

Baseado nos relatos proferidos pelos alunos que vivenciaram o *fútbol callejero*, tem-se a convicção que essa prática educativa potencializa ações que corroboram com a formação humana integral. A pesquisa permitiu observar que além dos alunos aprenderem uma nova possibilidade de vivenciar o jogo, também desenvolveram novos olhares sobre as habilidades relacionadas aos pilares educativos, como respeito, companheirismo e solidariedade. Assim, a semente foi lançada e observou-se que o campo de conhecimento é fértil.

## **6. Considerações Finais**

Diante do exposto, respondendo aos questionamentos que suscitaram quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral no Instituto Federal de Mato Grosso – *Campus Primavera do Leste*, destacamos que a prática pedagógica contribuiu para o desenvolvimento da coletividade, valorizando atitudes de cooperação e respeito.

Observou-se que a prática desencadeou processos educativos que não fragmentam o ser humano entre corpo e intelecto. Os aspectos afetivo, cognitivo, social e físico estiveram no centro da atividade e os alunos participantes, buscando o aperfeiçoamento humano, trabalhando suas forças e fraquezas.

Foi latente, na mediação, a importância dos processos educativos decorrentes de trocas de saberes e experiências, focando nas possibilidades de se “jogar com o outro e não contra o outro.” A partir dessa dialogicidade anunciada por Freire (2015), foram realizadas discussões com o objetivo de desenvolver atividades que contemplassem a todos. Por exemplo, discussões relacionadas à inclusão das meninas no jogo com adaptações das regras, com a intencionalidade de trazê-las efetivamente para prática, e em alguns momentos, como possibilidades de pontuarem através dos gols nas partidas de futsal. Nas discussões e contrapontos levantados pelas meninas durante o jogo, percebeu-

se que elas não se sentiram à vontade em terem mais vantagens que os meninos. Elas se sentiram capazes de realizar as atividades, sem necessitar de vantagens para o êxito.

Não podemos finalizar o trabalho sem considerar as dificuldades e potencialidades encontradas no decorrer da pesquisa. Sair da zona de conforto nas salas de aula é algo desafiador para o docente e para os alunos. As intervenções e indagações a cada encontro demonstraram que era preciso melhor elaboração do jogo e cada vez ações mais aprofundadas, o que demanda estudo para estar à frente de possíveis necessidades.

Cumprir e fazer cumprir os pilares do *fútbol callejero* com alunos do Ensino Médio profissionalizante, que já vivenciaram outras metodologias de ensino, em diferentes escolas, com diferentes saberes e competências, faz com que tenhamos persistência para que busquem um novo olhar sobre determinado conteúdo vivenciado, assim, instigando-os a serem receptivos e desafiadores, valorizando saberes e experiências na construção da autonomia.

Por fim, encerramos a escrita desse artigo com a sensação de que a execução do projeto foi satisfatória, porém, com potencialidade de ser aprofundado em outras turmas e diferentes cursos/modalidades de ensino. Os dados alcançados nos remetem a necessidade de novas pesquisas, com o intuito de progredir nos resultados e possibilidades que a metodologia do *fútbol callejero* proporciona. Portanto, para esse primeiro desafio o “jogo terminou”, “o tempo de debate está aberto” e a equipe se prepara para a “próxima partida”.

### **Referências**

BELMONTE, Maurício Mendes. **Fútbol callejero: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente.** 2019. 524f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

BELMONTE, Maurício Mendes; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. *Fútbol callejero: da sua historicidade à potencialidade para o ser mais.* In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Ecomotricidade e Bem Viver / Colloquium on Qualitative Research in Human Motricity: Ecomotricity and Good Living / Coloquio de Investigación Cualitativa em Motricidad Humana: Ecomotricidad y Buenvivir, 7., 2017, Aracaju; São Cristóvão. **Anais... / Annals... / Anales...**São Carlos: SPQMH, 2017. p. 553-559.

CASTRO, Lígia Estronioli. **A construção de valores orientada pela metodologia Callejera na educação física escolar.** 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva; GOMES, Cleomar Ferreira. Reflexões, proposições e diálogos com as juventudes: dinâmica pedagógica e curricular da Educação Física no ensino médio. **Motrivivência**. (Florianópolis), v. 32, n. 61, p. 01-23, Jan./Mar., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do Esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus Oliveira. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO -PUCPR -PRAXIS, 6, 2006, Curitiba. **Anais...**Curitiba: PUCPR, 2006. p. 1543 –1555.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da educação física escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**. p. 10-21, Mar. 2010.

KUNZ, Elenor. **Transformação didática – pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 160.

MORAES, Fábio de. **Educação física escolar e a contribuição da metodologia Callejera nos conhecimentos atitudinais**. 2020. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov; LOPES, Tomires Campos. Desafios e propostas para a educação física no ensino médio. In: MOREIRA, E. C.; NISTA-PICCOLO, V. L. (orgs). **O quê e como ensinar educação física na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009, p. 177 – 197.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

PARLEBAS, Pierre. **Perspectivas para una educacion fisica moderna**. Andalucia, Unisport Andalucia, 1987

ROSSINI, Luciano; et al. **Fútbol Callejero: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina**. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SILVA GUTIERREZ, Claudio Augusto; DOTTO, Augusto; ALLET, Andressa. **Futebol Callejero, juventude e cidadania**. Lúdica Pedagógica, 2016. p. 19-29.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; BELMONTE, Maurício Mendes; MARTINS, Mariana Zuaneti. *Fútbol callejero*: desafios e potencialidades de uma metodologia para a educação popular. In: Anais... IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XV Simpósio Paulista de Educação Física, 2015, Rio Claro-SP. Suplemento - **Motriz**, v. 21. p. S228-S228, 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

### **Sobre os autores**

#### **Claudionor Nunes Cavalheiro**

Doutorando em Ensino pela UNIVATES, Docente do IFMT – Campus Primavera do Leste. E-mail: claudionor.cavalheiro@ifmt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2695-0103>.

#### **Derli Juliano Neuenfeldt**

Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento, Docente da UNIVATES. E-mail: derlijul@univates.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1875-7226>.

Recebido em: 03/11/2023

Aceito para publicação em: 07/12/2023